

3ª Parte
PROSA DE FICÇÃO

AMIGOS

Florival Seraine

Armando desembarcara um tanto desconfiado, a olhar discretamente para os lados, receoso de que alguém o houvesse reconhecido, ao descer do vapor pela prancha destinada aos passageiros de 2ª classe.

No fundo, aquela viagem entre pessoas que julgava pertencer a níveis sociais abaixo do seu, pouco atuara em sua autêntica personalidade. Mas ele bem conhecia a maledicência estudantil, o que aquilo representaria para os seus colegas de Faculdade, nem sempre livres de preconceitos.

Toma um carro de praça — como se dizia então — e segue para a rua do Carmo, um velho sobrado de três andares, onde moravam alguns companheiros, dentre os mais íntimos, presenças habituais tanto nas horas de estudo como de lazer.

Em meados de janeiro, Armando fora obrigado a acompanhar a família ao Extremo Norte, sem saber se algum dia lhe seria facultado regressar ao curso acadêmico. É que o seu genitor, com quem sempre residira, era simples funcionário da Alfândega e, não podendo suportar mais a carestia da vida naquela capital, tratara de obter a sua transferência para outra cidade, de menor vulto urbano, onde lhe fosse possível atender aos gastos com a subsistência doméstica. Sendo embora uma pessoa de índole honesta, chegara a acumular débitos, deixando-os aqui e ali, sem poder saldá-los.

Pobre Armando! Tivera que interromper a carreira de Engenharia Civil, agora que já ingressara no 4º ano, e eram escassas as suas possibilidades de voltar aos estudos.

Decorridos meses de sua estada na urbe nortista, desprovido de relações sociais e quase sempre com as algibeiras vazias, lembra-se de escrever ao Rodolfo, colega de turma, bastante comunicativo, apesar de filho de alto personagem na administração do seu Estado. Expõe, no curso da missiva, as duras continências que então o alcançaram, sem perspectivas de um futuro melhor, e roga vivamente ao amigo distante que apele à influência paterna, no sentido de lhe obter um emprego, mediante o qual possa volver à atividade acadêmica.

A resposta do condiscípulo, cheia de evasivas sutis, acaba por considerar a inviabilidade do seu pedido, não obstante o tom afetuoso contido nas ponderações finais.

Certa manhã, porém, já pelos fins de agosto, entre surpreso e emocionado, ouve do genitor estas expressões, um pouco rudes, mas plenas de sinceridade: “Meu filho, acabo de receber um aumento no meu ordenado e consegui mais algum dinheiro, por empréstimo, de um colega de repartição, a quem falei acerca do meu propósito de continuar com você na Escola de Engenharia, apesar dos sacrifícios que isso me poderá acarretar e do que você, certamente, irá enfrentar nos primeiros tempos.” Fez então ligeira pausa para depois continuar, mais incisivo: “Presentemente, Amando, o que posso lhe oferecer é uma passagem de 2ª classe em um navio da Costeira ou do Lóide e no fim de cada mês enviarei certa soma, que cobrirá apenas uma parte das suas despesas. É preciso que você trate logo do obter uma ocupação remunerada, em condições de lhe fornecer o completo indispensável à sua manutenção. Isso, é claro, durante horas que não lhe prejudiquem a frequência às aulas. Se você quer prosseguir nos estudos e tem coragem para enfrentar a vida, prepare-se para embarcar nestes breves dias, quando o Itanagé parte com destino ao sul.”

A mãe, que ouvira tudo silenciosa, mas com os olhos lacrimejantes, interveio: “Vá, meu filho, não abandone o seu curso, Deus lhe ajudará e você há de conseguir algum meio que lhe servirá de ajuda. Vá, meu filho!...”

Espírito conformado, afeito às vicissitudes cotidianas, Armando não hesitou em aceitar a proposta paterna e, assim, embarcara de regresso naquele navio de passageiros.

Aquela época, já bem distanciado no tempo, costumavam os acadêmicos reunir-se em grupos, que raro excediam de uma dezena, para organizarem “repúblicas”, em que os dispêndios mensais eram repartidos equitativamente entre os respectivos integrantes. Deste modo, eram pagos o aluguel do prédio, o consumo dos gêneros alimentícios, os empregados que se fizessem precisos ao funcionamento regular da casa. Todo mês era eleito um “republicano” para assumir as tarefas administrativas, fazendo uso, nesse encargo, da importância recebida

de cada membro, segundo o cálculo prévio das despesas a serem efetuadas naquele período.



Armando chega à “república” para onde se destinara, após o desembarque, no momento em que todos acabavam de almoçar, e ainda permaneciam na sala de refeições.

Foi recebido cordialmente pelos colegas, entre os quais deparou com o Bernardo, o Samuel, o Artur, o Erasmo, o Silveira, seus companheiros mais chegados. Um deles exclamou ao abraçá-lo: “Você vem chegando tarde, hein?! Armando, queira Deus consiga passar nos exames. Ainda assim tente, você pode ter sorte...”

Em dado momento, volta-se ele para os circunstantes e fala sem rodeios: “Amigos, vou ficar morando com vocês aqui, nesta “república”. Não faço questão de que seja em companhia de outro colega, no mesmo quarto. Mas o que receberei, por enquanto, do “velho” — que apenas dispõe dos seus vencimentos de pequeno burocrata — é, sem dúvida, inferior à contribuição mensal de cada um de vocês. Só quero um pouco de compreensão e generosidade por parte de vocês, porque acredito que será por pouco tempo; logo arranjaré um emprego e ficarei em condições de me nivelar economicamente com vocês.”

Enquanto falava, Armando observara que alguns dos presentes olhavam de soslaio para o rótulo **2ª classe**, que fora colado, ao embarque, nos dois lados da sua mala.

Depois de lastimarem não poder atendê-lo na ocasião, porque não existia vaga, estavam todos os quartos ocupados, um deles, o Bernardo, ainda lembrou: “Porque você não vai na “república” da esquina, onde moram também amigos seus; talvez lá você encontre um lugar com alguém que não se oponha a dividir com você o mesmo cômodo?! Vai lá, é possível que você consiga...”

Dirige-se o recém-vindo para o local indicado, onde foi acolhido efusivamente, lamentando também os colegas o seu atraso, com tanta matéria a estudar... Em tal ambiência afetiva cuidou ele, por um instante, que ali ficaria solucionado o caso da sua hospedagem, pelo menos temporariamente. Era aquele um pessoal alegre e folgazão: o Tomé, o Domingos, o Machado e outros, que sempre lhe foram simpáticos.

Mas, depois de revelar os seus limites financeiros, não houve um só dentre eles que accedesse em aceitá-lo como participante da “república”. Indicaram-lhe outros pontos, onde, decerto, não haveria problemas, pelo que ouviam dizer...

Armando saiu um tanto chocado, mas não em desespero, porque isso não era do seu temperamento, da sua natureza afeita às vicissitudes

existenciais, desde bem jovem.

Deixa a mala provisoriamente no quarto do Domingos, até que logre encontrar recurso a tão embaraçosa situação.

Chegado à rua, vem-lhe, súbito, a idéia de ir até a praça principal, onde poderia divisar algum conhecido que lhe apontasse solução àquela emergência.

Depois de caminhar alguns passos, à porta de um café avista o Nogueira, corretor de seguros, que fora seu vizinho, em certa época, e com quem já palestrara algumas vezes.

Seu aspecto cortês e moderado animou o estudante a ir-lhe ao encontro em busca de amparo.

— “Ó Armando, há quanto tempo não o vejo! Soube que o Ferreira foi transferido para o Norte, mas — você não ignora — nesta cidade grande perde-se de vista, tantas vezes, amigos estimados como o seu pai. E você como é que vai nos estudos?! Onde está morando?!”

Narrou-lhe este a condição dificultosa em que se achava e recorre à sua ajuda, pois sabia quanto era relacionado naquele ambiente, em todas as classes sociais. Respondeu-lhe o interlocutor, batendo levemente num dos seus ombros: “Não se preocupe, rapaz. Deixe estar que eu vou dar um jeito nas suas aperturas. Vou lhe recomendar a um camarada, gente muito boa e compreensiva, que vai lhe arranjar uma acomodação.”

Sentaram-se a uma das mesas do café e ali mesmo escreveu, em folhas que retirara da sua carteira de notas, um bilhete apresentando-o ao seu amigo Raul Silva, que era — por assim dizer — o dono de uma “república”, onde viviam não só estudantes, mas também alguns empregados no comércio.

Achava-se o mesmo estabelecido com escritório de comissões e representações, na zona comercial. Fora ele o criador da “república”, quem a aparelhara, e como os demais companheiros o julgassem o mais capacitado para dirigi-la, atribuíram-lhe essa incumbência, em caráter permanente.

Raul, que parecia haver chegado há pouco, pois ainda se conservava de palitô e gravata, deu-lhe a impressão de um cavalheiro que zelava pelo trato pessoal. Recebeu-o com atenção e, após a leitura do bilhete que lhe acabara de entregar, exclamou francamente: “Não se aflija, meu caro. Fiquei ciente do ocorrido, pelo que acaba de me relatar o Nogueira, a cuja solicitação não poderei faltar. Há aqui um quarto muito espaçoso, quase uma sala, onde moram os irmãos Rabelo, dois excelentes rapazes, um estudante de medicina e o outro funcionário de uma empresa industrial. Quanto ao mais, à importância que lhe deveria caber, ao lado dos outros companheiros, exigida para o sustento da “república”, não se preocupe, porque sou eu quem cuida disso,

pessoalmente. Você me entrega, no princípio de cada mês, a soma que receber de casa e o mais se ajeita, sem que isso lhe acarrete qualquer diferença no tratamento, que é um só para todo mundo, enquanto eu estiver por aqui."

Abraçou-o cordialmente e, por fim, acrescentou: "O Nogueira é pessoa a quem não posso faltar!"

Acomodou-se no quarto o Armando, bem aceito que fora pelos irmãos Rabelo, indivíduos, efetivamente, controlados e urbanos: o mais velho absorvido pelos estudos, as aulas na Faculdade de Medicina, sem, contudo, esquecer os seus compromissos de noivo; o outro, a trabalhar durante o dia, em dois expedientes, na firma de que era, aliás, servidor dos mais conceituados. Uma ou outra noite recebia a visita da Laura, bela e jovial criatura, de quem era amante muito apegado e em cuja companhia tinha por hábito sair, voltando pela madrugada.

O acadêmico de Engenharia, de sua vez, passava a maior parte do tempo fora do domicílio, na Academia, e à noite estudava na residência de algum colega, pois, devido à carência de recursos, não podia adquirir certas obras que outros, de bolsa mais farta, não deixavam de comprar, apesar do elevado preço. Frequentava também a biblioteca da Escola, em consulta a livros relacionados ao seu currículo universitário.

Assim viveu ele sem tropeços, durante certa fase, e apenas à hora das refeições encontrava-se com os companheiros de "república", a exemplo do próprio Raul, a quem todos denotavam estima e mesmo certo respeito, apesar da sua fisionomia acolhedora.

Reiniciada a frequência às aulas, pôde Armando observar a atitude de certos daqueles colegas que procurara ao chegar, os quais agora já não mantinham com ele o grau de cordialidade ou mesmo a aproximação amistosa de antes.

Por intermédio de amizades fortuitas conseguiu o lugar de revisor num jornal matutino, onde trabalhava algumas horas, à noite, nos intervalos dos estudos e, meses depois, é convidado para lecionar matérias do curso secundário em um colégio recém-fundado, o que lhe não trazia quaisquer estorvos, pois se achava suficientemente preparado em algumas humanidades e os alunos eram, em geral, moços de famílias ricas, mais interessados em esportes, cinema e ocorrências fúteis da vida social.

Somado o que recebia do pai com estes ganhos auferidos nos labores extra-acadêmicos, pôde melhorar de **status**, adquirir novas roupas, compor aparência pessoal mais agradável.

Numa feliz eventualidade, relaciona-se com um jovem bancário que acaba descobrindo ser ainda seu aparentado, e combinam alugar

juntos um aposento em pensão familiar bem conceituada, onde as condições de moradia e alimentares eram, decerto, superiores às experimentadas pelos estudantes em suas boêmias "repúblicas".



Transcorridas dezenas de anos, já encanecido no exercício da profissão, num ensejo qualquer, lembrou Amando essas ocorrências sensíveis do seu passado. Recordou-se, então, daqueles colegas que outrora, em árduo trecho da sua juventude, o abandonaram friamente, pouco ligando ao seu destino; depois de diplomados, alguns deles estiveram a solicitar-lhes favores, ou mesmo foram seus auxiliares, quando exercera cargos de direção em Serviços de Engenharia.

Imerso nessa onda de evocações, por momentos se entristecia, não se perdoando de jamais haver dado qualquer mostra de gratidão àquelas duas figuras humanas que o socorreram, quando fora rejeitado pelos colegas, que julgava grandes amigos, em conjuntura das mais sérias em toda a sua existência.

Aquelas duas curiosas figuras humanas...

O João Nogueira, fisicamente bem apessoado, com a aparência eufórica, por ignorar, decerto, que era traído pela esposa e que uma de suas irmãs, moça simpática, atraente, não desfrutava de honroso conceito na sociedade.

E o Raul Silva, solteirão quando o conhecera, avizinando-se dos quarenta anos, sempre vestido com aprumo, tranqüilo, atencioso, mas de quem, em surdina, se comentava a vida amorosa cheia de peripécias, ao exercer, anos atrás, a movimentada profissão de caixeiro-viajante.